

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

GIOVANA TEIXEIRA DE MENDONÇA CERANTOLA

A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS: UM
ESTUDO SITUACIONAL SOBRE
MICROEXPRESSÕES FACIAIS

SÃO CARLOS - SP
2019

GIOVANA TEIXEIRA DE MENDONÇACERANTOLA

A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS: UM ESTUDO SITUACIONAL SOBRE
MICROEXPRESSÕES FACIAIS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos–UFSCar, para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a M.^a Janaina Cabello
Coorientador: Prof. Ms. João Paulo da Silva

And the raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted – nevermore!

(Edgar Allan Poe)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, devo agradecer imensamente meus pais por todo o apoio, compreensão, lições, investimento. Obrigada por serem a base e a força que eu sempre precisei, por sempre estarem presentes e principalmente por sempre acreditarem em mim. Quando lerem isso, quero que saibam que foi muito difícil fazer esse agradecimento sem me acabar em lágrimas. Ainda no âmbito da família, agradeço meu irmão Giacomo por todo o interesse nesse trabalho e no livro que não saiu do meu lado durante todo esse processo, livro este que, inclusive, você leu primeiro que eu.

Devo também, agradecer meus colegas de turma por todas as conversas, risadas, brigas e momentos de descontração: sem vocês eu não teria aguentado chegar nessa etapa. Espero que os outros não fiquem enciumados, mas preciso agradecer especialmente ao Vitor por ter estado comigo por tantos anos e por mais esses 4 anos dentro da universidade, sendo mais que meu amigo de longa data (acabou se tornando também meu colega de turma e futuramente de profissão). Sem ele eu não estaria nesse curso, de verdade. Bruna, obrigada por todas as caronas, conversas divertidas na volta pra casa e por ser uma amiga tão incrível, sem você eu teria perdido muitas aulas.

Essencialmente, devo agradecer a minha companheira de todos os dias, dias bons, dias ruins ou até mesmo dias comuns. Obrigada Carolina, por toda a força, por todo o apoio, por todas as broncas, por ser o melhor ombro para chorar e melhor ouvido para desabafar. Obrigada por todas as ideias para este trabalho, sem você ele não teria “nascido”. Obrigada por me puxar pra cima, obrigada por deixar tudo mais leve, obrigada por muitas vezes ser a minha voz de razão, obrigada por sempre acreditar em mim e me fazer acreditar em mim e, principalmente, obrigada por nunca me deixar desistir. Assim como meus pais, saiba que foi muito difícil não cair em lágrimas escrevendo isso.

Por último, mas não menos importante, obrigada aos meus dois incríveis orientadores. Obrigada João Paulo, por ter acreditado nesse trabalho, por ter aberto meus olhos para novas possibilidades e trajetórias, obrigada por todas as orientações incríveis e conversas produtivas. Obrigada Janaina por ter aceitado entrar nessa comigo, por confiar que isso poderia dar certo, obrigada por toda atenção, obrigada por todas as reflexões, que vou levar comigo por toda a vida. Serei eternamente grata por ter passado por essa etapa da minha vida tendo você como “guia”. Simplesmente obrigada, por tudo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir e problematizar o conceito de imparcialidade do intérprete de libras (Língua Brasileira de Sinais), a partir da análise das microexpressões faciais produzidas por ele, descrevendo as expressões faciais exibidas por esse profissional em situação de interpretação de um discurso emocionalmente carregado. Tendo em vista que as microexpressões são emoções sutis que aparecem na face ao tentarmos oprimir uma emoção específica, o trabalho visa analisar um vídeo em momento de atuação do intérprete, em uma situação em que ele não tem conhecimento prévio do material que ele vai interpretar. Com base nesses dados, procuramos descrever as microexpressões faciais, a fim de evidenciar possíveis emoções contidas pelo intérprete. A partir das análises, foi possível verificar por trás de atuações tidas como imparciais, há um intenso trabalho do profissional intérprete para conter formulações que transpareçam aspectos da sua subjetividade. A análise das microexpressões, contudo, revela que nos mínimos detalhes da gestualidade facial, é possível identificar índices de emoções provocadas pela situação de tensão em questão. Essa discussão chama a atenção para a necessidade de conceber o profissional intérprete de libras como um *ser humano* (e não como mero condutor de informações de uma fonte A para um destino B) e que, atuando em situações o que colocam em desconforto, por vezes, manifestará, ainda que expressões mínimas, concepções e percepções complexas de sua subjetividade.

Palavras-chave: Intérprete de libras; Imparcialidade; Emoções; Microexpressões Faciais.

ABSTRACT

The present work aims to discuss and problematize the concept of impartiality of the interpreter of libras (Brazilian sign Language), from the analysis of the facial microexpressions produced by him, describing the facial expressions displayed by This professional in a situation of interpreting an emotionally charged discourse. Given that the microexpressions are subtle emotions that appear on the face as we try to oppress a specific emotion, the work aims to analyze a video at the time of the interpreter's performance, in a situation in which he has no prior knowledge of the material he will Interpret. Based on these data, we tried to describe the facial microexpressions, in order to evidence possible emotions contained by the interpreter. From the analyses, it was possible to verify by the results of actions taken as impartial, there is an intense work of the professional interpreter to contain formulations that transpargethe aspects of his subjectivity. The analysis of microexpressions, however, reveals that in the smallest details of facial gestures, it is possible to identify indices of emotions caused by the stress situation in question. This discussion draws attention to the need to conceive the professional interpreter of pounds as a human being (and not as mere conduit of information from a source A to a destination B), who, acting in situations which put in a situation of discomfort, sometimes , it will manifest, although minimal expressions, complex conceptions and perceptions of its subjectivity.

Keywords: Interpreter of libras; Impartiality; Emotions; Facial microexpressions.

SUMÁRIO

Capítulo 1	8
INTRODUÇÃO	8
Capítulo 2	13
O ESTUDO DAS EMOÇÕES E DAS EXPRESSÕES FACIAIS	13
2.1. Introdução	13
2.2. Estudo das expressões faciais em línguas de sinais	14
2.3. O estudo das emoções e das expressões faciais emotivas	18
Capítulo 3	23
METODOLOGIA: COLETA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	23
3.1. Introdução	23
3.2. Coleta de dados	24
3.3. Apresentação dos dados	25
Capítulo 4	27
DISCUSSÕES E ANÁLISE DE DADOS	27
4.1. Análises	27
Capítulo 5	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXO A – TERMO DE CONSCIENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)	39

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de n. 10.098/2000 (BRASIL, 2000), que foi regulamentada através do Decreto de n. 5.626/2005 (BRASIL, 2005), as pessoas surdas têm direito à acessibilidade nos espaços sociais, em todos os contextos, dentro de instituições públicas e privadas, por meio de um intérprete de libras que faça a mediação da comunicação, garantindo assim, a participação dessas pessoas nos espaços que frequentam e das atividades de que participam. A profissão do tradutor / intérprete de libras foi recentemente reconhecida e regulamentada com a Lei de 12.319/2010 (BRASIL, 2010).

Grosso modo, o profissional intérprete é aquele que faz a mediação entre duas ou mais línguas diferentes, sendo responsável por interpretar de uma “língua de partida” para uma “língua de chegada”; no caso do intérprete de libras/português, que é o foco de nosso interesse neste trabalho, a interpretação se dá entre uma língua predominantemente oral-auditiva (português) e uma língua predominantemente gesto-visual (libras).

Esse profissional é de extrema importância para a garantia da acessibilidade às pessoas, e pode atuar em várias esferas, tais como as esferas educacional, a de saúde, a jurídica, a comunitária, dentre outras. Em suma, o seu papel é o de mediar a comunicação entre surdos (nesse caso falantes da libras) e ouvintes (falantes de português que não conheçam a libras). Para promover tal mediação, o intérprete de libras precisa, além de ser fluente em ambas as línguas envolvidas, dominar competências que são inerentes ao exercício de sua função. Nesse sentido, ele precisa conhecer muito bem as duas línguas em que está transitando, suas regras, sua estrutura gramatical e conhecer profundamente as especificidades socioculturais de ambas, como argumenta Filietaz (2008, p. 01):

O Intérprete de língua de sinais é a pessoa que, sendo fluente em língua de sinais com competências e habilidades tradutoras. Possuindo capacidade de traduzir/verter em tempo real (interpretação simultânea) ou com pequeno lapso de

tempo (interpretação consecutiva) uma língua sinalizada para uma língua oral (falada) ou vice-versa. (sic) (FILIETAZ, 2008, p.1).

Não restam dúvidas de que a competência linguística nas línguas envolvidas é imprescindível ao intérprete. Mas, para além dessa competência, o intérprete precisa assumir posturas éticas e, nesse sentido, o trabalho discutirá sobre a suposta “imparcialidade” desse profissional, um dos aspectos relacionado à ética do tradutor e intérprete de libras, como apresentado a seguir. Para tanto, resgato inicialmente um trecho retirado do primeiro código de ética do profissional intérprete, publicado pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), em 2004, que serviu como base para o trabalho da categoria por longos anos e, ainda hoje, de certa maneira, serve como referência e continuam dando diretrizes que norteiam a atuação dessa categoria.

De acordo com esse código, existem princípios fundamentais, que são deveres do intérprete. Dentro dessa categorização de princípios fundamentais, encontramos um item segundo o qual o intérprete deve manter uma atitude *imparcial* no momento de sua atuação, evitando opiniões próprias e interferências. De acordo com o código, o intérprete não deve opinar, a não ser que as pessoas peçam para o fazê-lo:

“2o. O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo” (QUADROS, 2004, p. 32)

Em primeiro lugar, precisamos nos perguntar o que significa ter uma *atitude imparcial*. A citação acima sugere que *atitude imparcial* é “evitar interferências ou opiniões próprias”, mas não esclarece de que tipo de interferências está falando e nem o que constitui uma opinião própria. Colocada em paralelo com ‘opiniões próprias’, é possível imaginar que a interferência a que esse trecho se refere seja aquela advinda da própria subjetividade do intérprete, enquanto ser humano que carrega consigo suas próprias concepções de mundo e suas vivências. Se estamos certos, a questão que se

coloca aqui é: será possível para esse profissional se manter imparcial a todomomento, sendo ele um ser humano que carrega consigo toda sua subjetividade, concepções e vivências? Se esses elementos por si só podem ser fontes de “interferências”, é preciso levar em consideração também a situação em que a interpretação está acontecendo: imaginemos que o intérprete é colocado em uma situação limite, da qual advenha uma carga emocional extremamente elevada, será possível que não haja “interferências subjetivas” na interpretação? De que maneira a situação limite pode afetar sua atuação?

Se aceitarmos que o trabalho do intérprete de fato envolve a adoção de uma atitude “imparcial”, é preciso entender que essa imparcialidade - demandada pela ética profissional - talvez seja um árduo trabalho alcançado não pela exclusão da subjetividade do intérprete, mas pela sua inclusão: o intérprete, consciente da sua responsabilidade na construção de sentidos, se coloca numa posição em que busca fazer o seu discurso corresponder não só aos significados propostos signos usados pelo falante na língua fonte, mas também à intenção comunicativa de quem produziu o discurso original.¹

Por isso, não devemos tomar a assunção de uma atitude “imparcial” como uma questão trivial: cada ser humano tem um vínculo diferente com as questões éticas, morais relacionadas ao emocional. Ou seja, a subjetividade revela que cada um tem conceitos correlacionados a vínculos afetivos com as experiências cotidianas, revelando uma interpretação diferente de cada um frente às situações sociais.

O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de atitude imparcial na interpretação, tomando como base a análise das expressões faciais produzidas pelo intérprete durante a sua atuação. A escolha do tema se justifica na medida em que praticamente não se observam estudos que olhem para o fenômeno. Quando se observa a literatura que trata das expressões faciais em línguas de sinais, a quase totalidade dela se volta para a descrição dos aspectos gramaticais das expressões faciais, isto é, de como as expressões faciais podem estar envolvidas na diferenciação de significados lexicais ou na marcação sintática dos constituintes de uma sentença; poucos são os trabalhos

¹ Como nota Goldnadel, apesar de o filósofo da linguagem Paul Grice não usar o termo ‘intenção comunicativa’, é a ela que ele alude no seu artigo *Meaning* (2019:103).

que olham para expressões do sinalizador como marca de seu estado emocional ou de expressão de sua subjetividade.

Uma vez que a comunicação humana envolve, nos termos de Goffman, tanto a expressão que ele transmite quanto a que ele emite, isto é, aquilo que ele diz verbalmente e todas as ações que podem ser consideradas por outros sintomáticas do ator da mensagem, respectivamente (Goffman, 1959, p.12), torna-se relevante estudar, na análise de atitudes de imparcialidade, não só aquilo que é dito verbalmente, como aquilo que é mostrado por meio das expressões faciais. Este trabalho dedica-se exclusivamente a esse segundo tipo de fenômeno.

Dito isso, retomamos a pergunta: como se garante que a relação do intérprete com o tema abordado não traz consigo uma gama de experiências - negativas ou positivas -, alterando a postura do profissional mesmo que haja a tentativa de controle e repressão emocional? Será que as expressões faciais do intérprete não acabam por revelar indícios de seu estado emocional em relação ao que está sendo dito, de tal modo que, numa microanálise das expressões faciais, possa ser possível perceber uma posição conflitante do intérprete com a posição assumida pelo autor do texto fonte? O tema e as perguntas em questão poderiam ser analisadas de acordo com diferentes perspectivas, porém, neste trabalho foi decidido analisá-las especificamente a partir das expressões faciais.

A análise aqui proposta segue a esteira de outros estudos realizados na área da Psicologia, que procuram flagrar possíveis manifestações dos sujeitos por meio de análise das microexpressões faciais. Esse estudo foi inaugurado por Ekman (1978), que propôs um estudo experimental de descrição das expressões faciais. Com esse estudo, o autor catalogou mais de dez mil movimentos faciais e identificou-os com movimentos relacionados às emoções. Com base nisso, apresentou o sistema de codificação de ações da face (FACS: Facial Action Coding System), possibilitando um estudo acurado das emoções em expressões mínimas e de curta duração, que ele denominou 'microexpressões faciais'. Um dos seus estudos mais conhecidos diz respeito à identificação de mentiras por meio da análise de expressões faciais (Ekman, 1985; 1991). Esses estudos hoje são de grande importância, para as análises forenses, por exemplo.

A proposta neste estudo, como já foi dito, é observar em que medida é possível perceber, por meio da análise das expressões faciais, possíveis momentos de conflito entre o intérprete e o conteúdo interpretado, de maneira a entender até que ponto podemos falar em ‘imparcialidade’ e de que maneira esse conceito deve ser entendido, uma vez que mesmo que o profissional consiga manter essa devida “postura imparcial”, as microexpressões faciais podem entregar determinadas emoções.

Nesse sentido, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: no capítulo seguinte, apresento um breve histórico de estudo das emoções e sua relação com a análise de expressões faciais, nos estudos dos gestos, de modo geral, e nos estudos das línguas de sinais, de maneira específica. Nesse capítulo, traço considerações sobre a relação entre essas duas áreas. No capítulo 3, apresento a metodologia de coleta, transcrição e análise dos dados utilizada neste trabalho. No capítulo 4, apresento a análise dos dados e, por fim, no capítulo 5 faço considerações finais sobre os dados analisados, considerando os objetivos iniciais e possibilidades de trabalhos futuros sobre o tema.

Capítulo 2

O ESTUDO DAS EMOÇÕES E DAS EXPRESSÕES FACIAIS

2.1. Introdução

A comunicação humana, em seus vários aspectos, é discutida e estudada em diferentes áreas, desde a comunicação, publicidade, marketing, até campos como a psicologia, a sociologia, a linguística. Recentemente, as línguas de sinais, sendo reconhecidas como línguas naturais, passaram a ser objeto de estudo dessas diversas áreas, contribuindo para um olhar mais abrangente sobre os processos de comunicação.

Ao contrário do que podemos supor, a comunicação humana realizada através da comunicação verbal (que, grosso modo, corresponde a um arranjo estruturado de símbolos convencionais) engloba apenas 7% das nossas interações comunicativas, sendo que os outros 93% da comunicação humana ocorrem através da linguagem não-verbal, que é composta por padrões corporais, tendo como pontos principais: os gestos, olhares, posturas corporais, entoação e qualidade da voz e expressões faciais e microexpressões (NATALE, 2016, p. 31).

Os estudos sobre as emoções e expressões na face há tempos chama atenção da comunidade científica. No entanto, para alguns estudiosos, as emoções são consideradas como inferiores à razão, tornando-as uma fonte de informações não confiáveis, o que fez com que os estudos das emoções não fossem considerados relevantes durante algum tempo, embora em campos como o da Psicologia, por exemplo, o estudo sobre emoções seja considerado extremamente importante, uma vez que “pode trazer informações importantes para o trabalho do psicólogo” (MIGUEL, 2015).

No estudo das línguas de sinais, a análise das expressões faciais de emoção tem também tem ocupado um lugar periférico. A maior parte dos estudos realizados a respeito das expressões faciais diz respeito justamente à exploração do papel gramatical dessas expressões, o que garante o seu estatuto linguístico e seu reconhecimento enquanto língua natural de pleno direito, como as línguas orais. Uma das razões possíveis para este fato é, uma

vez que as línguas de sinais não eram consideradas línguas naturais até 1960, chamar a atenção para os aspectos “gestuais” dessas línguas parecia ir na contramão do que a comunidade de linguistas das línguas de sinais buscava ir naquele momento. Hoje, contudo, o estatuto linguístico das línguas de sinais está bem estabelecido e já não há necessidade em se deixar de reconhecer que essas línguas, assim como em qualquer língua oral, envolva a gestualidade que é característica da comunicação humana presencial.

2.2. Estudo das expressões faciais em línguas de sinais

Desde 1960, a partir do trabalho seminal de William Stokoe sobre a língua de sinais americana (ASL), as línguas de sinais são reconhecidas pela comunidade científica como línguas naturais. A partir desse momento, os pesquisadores das línguas de sinais se empenharam na tarefa de descrever as características gramaticais dessas línguas, fortalecendo o seu estatuto linguístico. Dentre esses estudos, há aqueles que se dedicam a apresentar as semelhanças que as línguas de sinais (de modalidade predominantemente gesto-visual) com as línguas orais (de modalidade predominantemente oral-auditiva) e outros estudos que procuram explicitar características tidas como específicas das línguas de sinais, decorrentes da sua modalidade gesto-visual (Meier, Cormier, Quinto-Pozos, 2004).

Tradicionalmente, as expressões faciais nas línguas de sinais são divididas em expressões gramaticais e emocionais (PFAU; QUER, 2010; CRASBORN, 2006; XAVIER, 2019). Em relação àquelas que expressam informações gramaticais, encontramos aqueles estudos que evidenciam que as expressões faciais participam da formação dos sinais lexicais e aqueles que evidenciam a participação de das expressões faciais em constituintes gramaticais maiores, como sentenças. Nesse sentido, Wilbur (2000) considera que a face do sinalizador pode ser dividida em duas regiões, nas quais as especificidades das expressões faciais estariam relacionadas a diferentes domínios linguísticos: a parte superior da face (sobrancelhas, olhar, posição da cabeça e seus movimentos) estaria relacionada a constituintes maiores (orações, sentenças), enquanto que a parte inferior do rosto (boca, língua, bochechas) estaria relacionada a itens lexicais ou a sintagmas que aparecem

na transmissão de informações adjetivais ou adverbiais.

Em relação à formação de sinais lexicais, Stokoe realizou os seus estudos linguísticos sobre as LS com base na ASL, e então identificou três parâmetros principais, que fazem parte da fonologia da língua, que são: Configuração de Mão (CM); Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L) e Movimento (M). Pesquisas e estudos posteriores aos de Stokoe, inseriram aos estudos da fonologia das LS, os parâmetros: Orientação da Mão (Or) e Expressões Não-manuais (ENM), Um exemplo ilustrativo das diferenças de significado provocadas pela alteração de expressão facial pode ser vista no livro “Por uma Gramática de Línguas de Sinais” de Lucinda Ferreira Brito (1995).

Na descrição da autora, dentre as expressões não manuais, a expressão facial é considerada como um componente na formação de sinais lexicais, exercendo papel fundamental na distinção de significados entre pares mínimos ou na incorporação de negação e interrogação, como no exemplo citado a seguir, em que a autora discute a diferença entre os sinais PENSAR, DUVIDAR e ENTENDER, nas variantes realizadas em São Paulo:

[...] a diferença entre PENSAR, DUVIDAR e ENTENDER (SP) é feita por esses componentes não manuais. Nos três sinais, a configuração é a mão em G, com a ponta do indicador em contato com a parte lateral da cabeça. Em PENSAR há apenas um toque; em DUVIDAR, o toque é acompanhado do olhar e da expressão facial dúvida e de balanço da cabeça para os lados; ENTENDER é realizado com um toque do indicador e um rápido afastamento, enquanto os olhos se abrem (FERREIRA BRITO, 1995, p. 41).

A figura a seguir ilustra os sinais descritos na citação anterior, com destaque para os componentes não manuais.

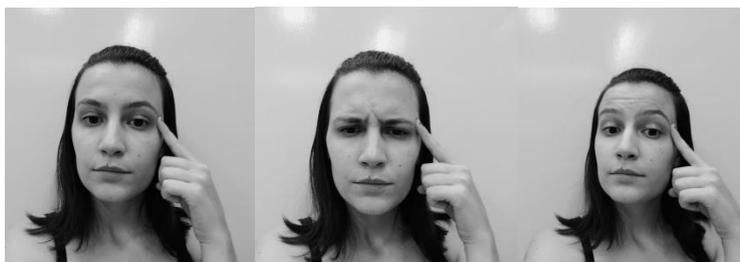


Figura 1 - os sinais PENSAR, DUVIDAR E ENTENDER (sinalização do estado de São Paulo), com destaque para as expressões não manuais. Imagens produzidas pela autora.

Assim sendo, fica claro que a diferença de significado desses sinais se dá por diferenças na expressão facial, afinal os sinais possuem a mesma configuração de mão, orientação de mão e ponto de articulação. Se não houvesse as expressões não-manuais provavelmente a significação dos sinais seria mais complexa pois, segundo Campos e Goés (2015, p. 79), “as diferentes expressões faciais são fundamentais na língua e também para a interação com pessoas surdas”.

Como já observado anteriormente, as expressões não-manuais eram ignoradas, inicialmente, nos estudos sobre as línguas de sinais. Elas foram até consideradas como um aspecto secundário da sinalização, quando realizadas as análises linguísticas das línguas de sinais cujo foco era apenas voltado para os sinais manuais. As análises começaram a ganhar um nível de detalhamento maior a partir do uso de materiais de registro áudio-visual.

Liddell (1977) foi um dos primeiros a chamar atenção para a participação das expressões faciais no nível sintático. Conforme reportado pelo autor em seu livro *Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language* (2003, p. 54), as expressões não-manuais eram inicialmente ignoradas dos sintáticos das línguas de sinais, pois, uma vez que a atenção dos pesquisadores estava voltada apenas para os sinais manuais.

A crença, até esse momento, era a de que a expressão facial marcaria afetividade e, portanto, estaria excluída da análise da estrutura da sentença. Nesse mesmo livro, Liddell reporta que, realizando análise de orações relativas em ASL, fotografou pausadamente a tela do televisor nos momentos em que cada sinal era feito e, olhando atentamente para as fotos lado a lado percebeu que a expressão facial marcada era mantida durante toda a produção dos fragmentos da sinalização correspondentes às orações relativas, como mostra a imagem a seguir.



Figura 2 - Análise da expressão facial em orações relativas (Retirado de Liddell, 2003, p.54)

Esse estudo e os outros subsequentes trouxeram evidências para a noção de que existem várias categorias de expressões faciais nas línguas de sinais que, em coordenação com outros elementos gestuais, tais como a posição do tronco, posição da cabeça e movimentos, podem desempenhar papéis gramaticais na formação de sentenças nessas línguas, de modo que esses elementos são fundamentais na compreensão de enunciados das línguas sinalizada (ARAUJO, 2013, p. 36). Com isso, as descrições de Liddell, deram uma nova perspectiva ao estudo das expressões faciais, contribuindo para a descrição das funções sintáticas exercidas pelas ENM ainda não descritas até aquele momento.

As línguas de sinais, de uma maneira geral, em sua estrutura, possuem componentes manuais e não-manuais e o uso desses componentes não-manuais pode “pode diferenciar significados e sentenças em nível fonológico, morfológico ou sintático” (ARAUJO, 2013, p.36). Apesar dos avanços nos estudos das línguas de sinais, a maioria dos linguistas têm se ocupado somente dos aspectos ditos propriamente linguísticos – verbais - dessas línguas, deixando de lado os não linguísticos – não verbais.

Uma parcela pequena de pesquisadores, alinhando-se aos avanços dos estudos da gestualidade nas línguas orais, tem buscado entender de que maneira a gestualidade participa da construção da significação também em línguas de sinais (LIDDELL, 2003; MOREIRA, 2007; LEITE, 2008; MCCLEARY; VIOTTI, 2010, 2011, 2014; BARBOSA, 2013; SILVA, 2014). Nesse sentido, o estudo das expressões de faciais de emoção tem encontrando pouco lugar na literatura das línguas de sinais, devendo ser mais bem explorado.

2.3. O estudo das emoções e das expressões faciais emotivas

A palavra “emoção”, do ponto de vista etimológico, nos remete à compreensão de algo que está internalizado em nós e, em dado momento, se externaliza, ou seja, expressamos. Buscando a origem etimológica da palavra, encontramos a sua origem no latim *emouvere*. A vogal ‘e’ nesse termo seria uma variante de ‘ex’, que significa, em latim, externo ou fora. ‘Movere’ significa movimento. Da junção dessas duas expressões, temos ‘movimento de externalização’. (JOAQUIM, 2017, p.33). Nesse sentido, as emoções são descritas como o movimento de um dado estado desde o interior para o exterior, tornando-se visível a todos.

Mas o que são as emoções? São sentimentos? São sensações? São comportamentos, como por exemplo, um sorriso, um choro, a alteração da voz? Biologicamente, a emoção pode ser definida como um conjunto de reações químicas e neurais (JOAQUIM, 2017) e podem ser consideradas como sensações físicas e emocionais, que são provocadas por algum tipo de estímulo. É a emoção que nos faz reagir diante de um determinado acontecimento. Vale ressaltar que

[...] existem emoções primárias e secundárias e sentimentos associados às emoções. As emoções primárias envolveriam disposições inatas para responder a certas classes de estímulo, controladas pelo sistema límbico. As emoções secundárias seriam aprendidas e envolveriam categorizações de representações de estímulos, associadas a respostas passadas, avaliadas como boas ou ruins. (TOMAZ; GIUGLIANO, 1997, p. 410).

Ao oposição de autores que dão um tratamento inteiramente biológico para as emoções, há aqueles que olham para as emoções como um fenômeno também social. É o caso de Henri Wallon (1975), para quem as emoções têm caráter tanto biológico quanto social, e ela garante a sobrevivência da espécie humana, pois, possui um aspecto um tanto quanto peculiar: o fato de ser contagiante. A esse respeito, Casanova, Sequeira e Silva ilustram essa observação com o seguinte exemplo:

Que adulto consegue ficar imune ao choro de um bebê? Este carácter contagiante da emoção leva o ser humano a cuidar da sua geração e assim garantir a sobrevivência da espécie; É na convivência com o “outro” e com o “grupo social” que aprendemos a identificar, nomear e lidar com as nossas emoções (2009, p. 4).

A busca por uma teoria científica das emoções, suas funções e suas causas ganhou impulso com o trabalho de Charles Darwin (1872) que impulsionou outros trabalhos. Porém, mesmo com essas pesquisas, que foram capazes de trazer maior relevância para as emoções, as mesmas emoções continuavam a ser consideradas como um fator oposto à razão e muito subjetivas para serem estudadas, caindo assim, novamente, “no esquecimento” das investigações científicas, como argumenta Natale (2016),

A emoção era dita subjetiva demais e, portanto, não era passível de investigação científica. Ademais, as emoções eram consideradas o polo oposto da razão (a mais refinada das capacidades humanas e concebida como independente da razão) (NATALE, 2016, p. 41).

A esse respeito, António Damásio (1994), no livro *O Erro de Descartes*, argumenta que as emoções não devem ser consideradas inferiores à razão, pois ela não é apta para avaliar os custos e benefícios da tomada de decisão. Mais do que a razão, são as emoções que oferecem as opções que nos possibilitam tomar as decisões apropriadamente. (Damásio, 1994, citado por TOMAZ; GIUGLIANO, 1997, p.409). Damásio fundamenta a sua argumentação na observação de um caso de lesão cerebral, no qual a pessoa em questão apresentava um quadro de baixa reatividade emocional, e, por isso, tinha grande dificuldade para tomar decisões, apesar de as suas capacidades de raciocínio lógico, de produção linguística e a sua memória consciente estarem funcionando normalmente.

No século XX a ciência, de maneira geral, questionou sobre a relevância de se continuar fazendo pesquisas e estudos sobre as emoções foram retomadas, porém, mesmo com a tentativa de reavivar estes, cientistas voltaram a renegar as pesquisas no campo das emoções, chegando a considerar uma irracionalidade se envolver com as emoções. Entretanto, de acordo com Natale (2016), tem havido um aumento de pesquisas a respeito

das emoções, tanto no campo das ciências humanas quanto no das exatas, em razão de avanços técnicos e metodológicos: campos de estudos como a psicologia, a neurociência e até mesmo a robótica têm feito uso dos estudos das emoções para diversos fins científicos (2016, p. 41). Para se pensar em emoções e compreender basicamente os princípios que abrangem a expressão de uma determinada emoção, é preciso apenas pensar em uma ação que está fora de nosso controle ou vontade, como por exemplo, tentar controlar uma ação do sistema nervoso, que pode ser o coração disparar ao se deparar com uma situação tensa (GOMES; JOHN, 2015, p. 81). De acordo com os autores,

As emoções funcionam da mesma maneira, tendo início a partir de estímulos internos ou externos em que o sistema nervoso se altera e conduz energia aos músculos do corpo como forma de alívio. Essa energia, quando descarregada, culmina na expressão de sinais que denotam o estado de espírito no qual um indivíduo se encontra. (GOMES; JOHN, 2015, p. 81).

Sendo assim, a expressão de uma emoção se dá de maneira involuntária, está fora de nosso controle, e mesmo quando há a intenção de controlar determinadas formas de se expressar sentimentos e pensamentos, existem certas manifestações que fogem do controle da vontade e trabalham de forma reflexa, permitindo a detecção desses pequenos movimentos involuntários na face. De acordo com Natale (2016), pode-se dizer que Charles Darwin foi o primeiro teórico a levantar informações importantes para os estudos sobre as emoções e expressões faciais, com a publicação, em 1872, da obra *As expressões dos homens e dos animais*.

Esse estudo e publicação de Darwin foram baseados em observações e hipóteses, podendo ser vistos como um trabalho um tanto quanto duvidoso, pois não existiam comprovações científicas sobre o que ele estudava, apenas foram publicadas suas impressões a respeito. Mesmo assim,

[...] cientistas, fisiologistas, fisionomistas, botânicos, missionários, catequizadores e demais colaboradores ao redor do mundo, permitiram que o trabalho de Darwin fosse o mais apurado possível para a época e amplamente revisto quase 100 anos depois, por psicólogos como Paul Ekman. (GOMES; JOHN, 2015, p. 81).

Ao citar Paul Ekman, trazemos outro ponto importante para este trabalho: seus estudos sobre as microexpressões faciais. Tais estudos foram publicados com a intenção de viabilizar para a comunidade científica uma metodologia mais concreta para auxiliar nos estudos das emoções e expressões faciais, por essa razão Ekman e Friesen (1978) publicaram um manual detalhado sobre a descrição da face (NATALE, 2016)

Assim, durante as décadas de 70 e 80, o estudo da face passa a ter um caráter mais experimental e esse fato se deu justamente por conta dos estudos do psicólogo Paul Ekman, que realizava suas pesquisas com pessoas de diferentes culturas para catalogar e identificar emoções aparentes em suas faces (Joaquim, 2017). Tais estudos começam a compor um programa intitulado como “Programa de Expressões Faciais”, que nos dias atuais abrangem uma grande variação de temas, metodologias e também teorias, tendo assim, a condição de um programa transdisciplinar, que envolve áreas de estudos desde as ciências humanas até as ciências exatas.

Ao decorrer de sua pesquisa, Ekman conseguiu catalogar mais de dez mil movimentos faciais e identificou-os como movimentos relacionados às emoções. Isto posto, publicou, em 1978, o FACS (Facial Action Coding System). Trata-se de um sistema de medida computadorizado dos movimentos faciais que possibilita medir todo o comportamento facial exposto ou toda expressão que se dá na face (GOMES; JOHN, 2015; CUVE, 2015). As microexpressões faciais citadas acima, também, são medidas através do sistema criado por Ekman.

É possível realizar a identificação de qualquer expressão facial a partir de suas unidades, que podem ser desconstruídas em *unidades de ação*, ou seja, em “seus movimentos e segmentos temporais que causaram a expressão” (JOAQUIM, 2017, p. 84). Desse modo, as unidades de ação (Action Unit's ou AU) são os movimentos dos músculos da face que formam a expressão e que podem demonstrar uma emoção, também se manifestam no relaxamento ou contração desses músculos juntamente com os movimentos categorizados pelas FACS.

As emoções podem não se manifestar integralmente na face, mas serem expressar em microexpressões faciais passíveis de decomposição analítica. Uma análise da face pode apresentar simultaneamente a ocorrência de duas

ou mais emoções, resultando em uma expressão facial mista. “A soma de duas emoções pode revelar uma expressão que revele sentimentos ambíguos, quase simultâneos. Duas emoções básicas podem se fundir, resultando numa terceira expressão facial” (JOAQUIM, 2017, p.98). Isso é o que podemos observar na

Figura 3 - Expressão facial mista (retirado de Joaquim, 2017, p.98)abaixo.

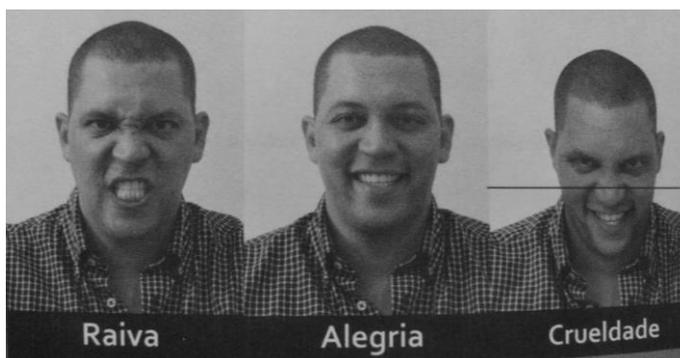


Figura 3 - Expressão facial mista (retirado de Joaquim, 2017, p.98)

Tendo em vista, portanto, forma como os estudos das emoções e das microexpressões faciais foram se constituindo e diante do nosso objetivo de pesquisa – que é o de fazer uma análise das microexpressões faciais em uma situação de interpretação, fazendo uso das unidades de ação para detectar possíveis emoções na face do intérprete, pois essas emoções não podem ser demonstradas pelo profissional intérprete de libras, no momento de sua atuação. Contudo, ainda assim, elas podem aparecer em sua face, mesmo quando ele tenta reprimi-las, isso por conta de ainda ser cobrado que esse profissional se mantenha o mais isento possível (subjetivamente falando) quando estiver sinalizando, não permitindo que questões pessoais afetem em sua atuação.

Capítulo 3

METODOLOGIA: COLETA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

3.1. Introdução

Este trabalho teve início com o levantamento bibliográfico, utilizando estudos e pesquisas já publicadas e pensadas sobre a área da interpretação em libras e também da área das microexpressões faciais. Neste capítulo, apresento o tratamento dado ao corpus desta pesquisa, no que diz respeito à coleta, transcrição e análise de dados.

Os dados para serem analisados neste trabalho não se tratam de dados naturais ou espontâneos, pois foi escolhido um vídeo que poderia causar certo desconforto na participante por conta da carga emocional presente em seu discurso, no momento da atuação, foi criada uma situação para obter os resultados específicos, sendo assim a análise se encontra no liame entre os dados naturais e os dados manipulados, pois uma vez que, o tipo de situação proposta para a intérprete já está no rol das suas práticas enquanto tradutora na instituição em questão.

Nessa situação específica, tendo diante de si uma câmera e um interlocutor que não tem acesso ao conteúdo da fala original, a intérprete lança mão de métodos, que já são corriqueiros na sua prática profissional, para fazer a ação de estar interpretando profissionalmente. Esse fazer metódico envolve assumir uma certa postura, que originalmente foi rotulada como “imparcialidade”, tendo em vista todo o contexto de assistencialismo do qual a profissão emergiu. O estabelecimento da atuação como campo profissional e o desenvolvimento de conhecimento teórico sobre esse campo vem levando ao abandono do termo “imparcialidade”, já revisto em código de ética mais atual, que sequer menciona o termo.

Assim, não se trata de analisar a imparcialidade em si, mas os métodos pelos quais o intérprete assume uma postura que o leva a agir de um modo que, na comunidade de intérpretes e surdos, é tido como reconhecidamente sendo a de um intérprete profissional, que é a postura assumida pela intérprete

neste estudo desde o início de sua atuação.

3.2. Coleta de dados

O vídeo escolhido para ser interpretado pela participante continha grande carga emocional, podendo causar desconforto em quem o ouvisse, pois se trata de um vídeo que possui grandes estressores em seu conteúdo e a partir disso foi criada uma situação limite, em qual a participante poderia se sentir desconfortável ao ouvir o discurso, o que poderia resultar na ocorrência de microexpressões perceptíveis em sua face.

Em vista disso, os dados analisados neste trabalho vieram a partir de uma gravação feita com a profissional intérprete do Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa². A gravação foi feita no LABS, usando duas câmeras - uma capturando o tronco da intérprete e outra capturando apenas o seu rosto. A escolha por usar duas câmeras se deu por causa da necessidade de observar com detalhes as expressões faciais da intérprete, o que não seria possível se usássemos uma única câmera. As imagens a seguir ilustram a captura da imagem em dois planos.



Figura 4 – Exemplo das imagens capturadas em dois planos.

Atentando para o fato de que a produção discursiva poderia ser influenciada pelo fato de a intérprete estar sinalizando apenas para a câmera ou para um interlocutor, optamos por convidar um surdo para participar da

²Agradeço à intérprete por aceitar participar desta pesquisa e por permitir o uso de sua imagem neste trabalho.

gravação. Dada a impossibilidade de encontrar um horário em comum com o nosso colaborador surdo, decidimos convidar, em vez disso, um interlocutor ouvinte, fluente em libras. A estratégia, então, seria a de que a intérprete usasse fone de ouvido durante a sinalização. Desse modo, foram utilizados os seguintes equipamentos: uma câmera e dois tripés (do laboratório), uma câmera de celular, um computador (onde seria rodado o vídeo para a interpretação) e um fone de ouvido.

No dia da gravação estavam presentes a intérprete, o professor coordenador desta pesquisa e a autora deste trabalho. A intérprete se posicionou em frente ao seu interlocutor (ouvinte) e, em seguida, organizamos os tripés e as câmeras. Feita a organização dos equipamentos, a intérprete colocou o fone de ouvido, iniciamos a reprodução do vídeo e começamos a gravação. No decorrer da gravação, contudo, tivemos um problema com o fone inicialmente usado e foi necessário substituí-lo por outro. A gravação foi pausada brevemente e retomada assim que o fone foi trocado.

O fone foi essencial na realização da filmagem, pois com seu uso apenas a profissional intérprete tinha acesso ao que estava sendo dito. Com isso, o interlocutor, só recebeu a informação através da sinalização/interpretação que estava sendo feita. Todo o processo da filmagem durou cerca de 40 minutos, o tempo de interpretação foi de aproximadamente 25 minutos, isso por conta do problema ocorrido com o fone, pois o vídeo escolhido para essa interpretação tinha apenas 15 minutos.

3.3. Apresentação dos dados

A ideia inicial foi a de realizar uma transcrição através do software livre de transcrição de vídeo ELAN (EUDICO Linguistic Annotator), pois este programa “permite a transcrição multimodal, mediante a criação de trilhas específicas conforme a necessidade do pesquisador” (LIMA, REHBERG, 2015, p.64), possibilitando trabalhar com a inserção de até quatro vídeos diferentes, sincronizados, em uma mesma tela. Porém, ao decorrer das análises essa transcrição através de trilhas não se fez necessária, pois foi possível desenvolver as análises apenas com o material descritivos das FACS e

unidades de ação, contudo, o software foi de extrema importância no momento de mudar de um frame para o outro, podendo selecionar o vídeo no segundo exato em que era reconhecida uma microexpressão.

Nesse sentido, colocamos os três vídeos de que dispúnhamos na tela, a saber: o vídeo escolhido para ser interpretado, o vídeo com a gravação da face do intérprete e o vídeo que capturava toda a imagem da parte superior do seu corpo. Ao terminar essas etapas, os vídeos passaram a ser assistidos com bastante atenção, ao perceber que alguma emoção poderia estar sendo demonstrada através das microexpressões faciais o vídeo era pausado e um *print*³ era tirado do frame exato em que esse fator pôde ser identificado.

As análises serão feitas a partir dos *prints* feitos do ELAN. Por se tratar de uma análise de microexpressões faciais, as imagens do momento exato em que a intérprete demonstra uma emoção em sua face serão apresentadas aqui em conjunto com as unidades de ação (AU's), pois são através delas que podemos identificar uma expressão facial.

Para conseguir identificar esses momentos, em que a profissional poderia estar sentindo alguma emoção com o discurso, foi preciso perceber quais expressões faciais faziam parte do conjunto de expressões da Libras e quais poderiam fazer parte do conjunto de microexpressões faciais, referentes à repressão de alguma emoção.

As imagens que serão analisadas, inicialmente, foram escolhidas de acordo com as expressões da intérprete, ao perceber uma expressão que destoasse do conjunto expressivo da libras, o trecho do vídeo – onde acontece a expressão – era assistido novamente, analisando então o discurso para poder compreender o motivo daquela expressão naquele momento.

³ Imagem capturada de tudo que está aparente na tela do computador.

Capítulo 4

DISCUSSÕES E ANÁLISE DE DADOS

A face do intérprete de libras é, normalmente, bastante expressiva. Como discutido anteriormente neste trabalho, essa expressividade tem a ver com diversos fatores, como por exemplo: i) a marcação de aspectos gramaticais da libras; ii) características prosódicas da língua; iii) marcas da caracterização de estados do enunciador ou de referentes da história. As análises aqui propostas tornam este trabalho desafiador justamente pela tarefa de identificar, dentro desse conjunto de expressões da face que são necessárias ao sinalizar, as microexpressões faciais da intérprete que podem fazer parte de um conjunto de expressões emotivas, indicativas de possíveis estados emocionais contidos pelo intérprete durante a tarefa de construir significação que corresponda aos sentidos propostos pelo enunciador no texto original. Desse modo, as análises aqui apresentadas são recortes precisos do que estou considerando ocorrências de microexpressões faciais, nessas ocorrências, procedo com uma análise das unidades de ação observadas no conjunto da expressão facial, de modo a identificar possíveis emoções sutis expressas pela face em momentos de tensão, desconforto ou qualquer outra carga emocional provocada pelo discurso.

4.1. Análises

Iniciamos a análise do discurso em questão justamente no momento inicial, em que o locutor começa seu a produzi-lo. Esse é o momento em que a intérprete tem o seu primeiro contato com o que está sendo dito, sem nenhum conhecimento prévio sobre o conteúdo. Ela também não tinha noção de se o seu interlocutor conhecia o conteúdo do vídeo ou não. O excerto a seguir é uma transcrição dos momentos iniciais do discurso em português.

“Eu vou apresentar pra vocês algumas dúvidas de amigos diferentes, que estudam, são alunos meus e são pessoas de diferentes diferentes lugares. Que perguntam perguntam perguntam de vários lugares. Como o surdo aprende? Como surdo pensa?”⁴

Tendo acesso a esse conteúdo apenas em relação aos aspectos sonoros, a intérprete inicia a interpretação. As imagens dos momentos iniciais da gravação, apresentadas a seguir, revelam que a participante demonstrava uma postura tranquila e expressões faciais pouco tensionadas.



Figura 5 - Expressões faciais ao início da gravação

Apesar da tranquilidade na expressão facial da intérprete, observa-se na sua expressão marcas que parecem ser advindas da própria situação de produção: recebendo o discurso por um fone de ouvido e ainda tentando assimilar do que se tratava (visto que ela não recebeu nenhuma informação anterior sobre o conteúdo), a intérprete demonstra, no primeiro quadro, um olhar distante e com os lábios levemente apertados. Note-se que, diante do exposto, essa apresentação geral da face do intérprete é importante, porque é por meio do contraste com expressões que vêm posteriormente que vamos traçando, analiticamente, o percurso de identificar possíveis unidades de ação indicadoras de emoção.

Cabe dizer aqui que, sem julgamentos de valor sobre o conteúdo da fala do locutor, que o seu discurso apresenta momentos em que há uma carga emocional muito forte. Durante a filmagem, a observação era a de que a intérprete empregava com muita destreza os métodos para alcançar uma

⁴ O locutor está sinalizando enquanto fala e, por esse motivo, cria estruturas que são pouco típicas do português. Apesar da participante não ter acesso visual à sua sinalização, o que ela recebe é um português com uma estrutura pouco típica, sem saber exatamente porque ele está enunciando dessa forma.

interpretação que não fizesse transparecer, de forma muito marcada, algum desconforto ou expressão de sua própria subjetividade. Diante dessa observação, chegamos a pensar que o vídeo não tivesse surtido o efeito esperado.

Como será comentado a seguir, ao término da gravação, a intérprete comentou sobre o seu desconforto em alguns momentos do discurso, o que nos leva a considerar que, se há em algum momento percepção do que em outros momentos foi chamado de ‘imparcialidade’ por parte do intérprete, há, na verdade, um trabalho intenso de lançar mão de métodos que sejam reconhecidos na comunidade de profissionais como sendo bem adequados para o bom exercício da função, dentre os quais não fazer com que expressões de sua subjetividade se sobreponham intencionalmente ao das intenções comunicativas do enunciador no discurso original.

Ao longo do discurso, contudo, foi se tornando mais perceptíveis as microexpressões faciais do tipo que estamos buscando analisar neste trabalho. Não é demais enfatizar que essas microexpressões são elaboradas em 7 minutos de vídeo, sendo quase imperceptíveis a olho nu, daí a importância de uma análise de transcrições bem detalhadas, que capturem o fenômeno. Passamos agora a apresentar momentos do discurso em que essas unidades de ação foram identificadas.

O trecho em português é o seguinte:

[...] esse é o sinal de chapéu, porque já é inclusive, o chapéu sinal, o sinal de chapéu já coloca na cabeça, já é uma ação. Então o próprio sinal de chapéu, a própria palavra chapéu já é a ação de colocar na cabeça então a coisa já fica entendida para o surdo. Para o ouvinte é diferente, o que é que se ensina? Quer chapéu? Ai o ouvinte já vai falar “*qué*” “*qué*”, mas pro surdo não se ensina “*qué*” chapéu, apenas quer chapéu? Quer chapéu? Ninguém entendeu, o surdo entendeu ele simplesmente puxa o chapéu e vai pra ele [...]

A imagem que analisaremos a seguir foi retirada do tempo de 7 minutos e 33 segundos de vídeo. Minutos antes dessa expressão o locutor estava realizando uma explicação sobre como as crianças surdas aprendem e fazendo

comparações com a aprendizagem de crianças ouvintes. Nesse momento ele tenta elucidar o conceito de ‘chapéu’, chamando a atenção para a forma do sinal chapéu, que remete, segundo ele, à ação de colocar um chapéu na cabeça e que, portanto, seria facilmente compreendido pelo surdo.

Para esta análise, o que importa especificamente não é se aquilo que é enunciado no discurso original tem fundamentação ou não, mas a reação da intérprete diante desse discurso. Como pode ser visto na imagem a seguir, ao receber esse discurso, a intérprete produz expressão facial ilustrada pela imagem, que será decomposta aqui nas seguintes unidades de ação, para a análise: AU7, AU 9 e AU15.

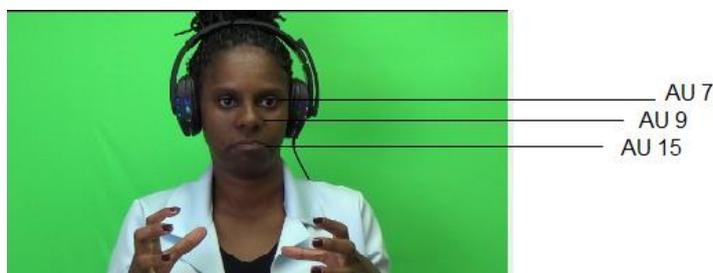


Figura 6 - Ocorrência de microexpressão 1

Como citado acima, a ocorrência dessa expressão aconteceu logo após toda a explicação sobre o sinal de chapéu, quando o locutor diz que dará outro exemplo, e diz a palavra “bola” conseguimos captar essa microexpressão para ser analisada. Observe-se que as categorias aqui apresentadas correspondem àquelas descritas pela literatura que analisa as unidades de ação. São elas: AU7 Pálpebra inferior (orbicular do olho), que diz respeito ao levantamento da pálpebra inferior, essa AU pode atuar na expressão de raiva; AU9 Levantador do lábio superior e músculo nasal, essa unidade diz respeito à corrugação do nariz e atua na expressão de nojo/aversão; AU15 Depressor do ângulo da boca, a unidade pode se fazer presente nas expressões de aversão e tristeza (JOAQUIM, 2017). A partir da identificação das três unidades de ação citadas acima, foi possível perceber que a participante não demonstrou uma única emoção específica em sua expressão, mas um conjunto complexo que, em coordenação - a AU9 e AU15 - pode atuar na expressão de *aversão*.

Por ser uma profissional capacitada, com formação na área e sabendo que se trata de exemplos equivocados, pôde-se supor que a intérprete, mesmo

não transparecendo emoções no momento da sinalização, através de suas microexpressões faciais nos mostra um sentimento de aversão perante as alegações sobre o sinal de “chapéu” e de como a criança surda aprende esse conceito, e provavelmente espera que a explicação sobre o sinal de “bola” também será equivocada e duvidosa.

No transcorrer da produção discursiva da intérprete, foi possível identificar uma gradação de tensões faciais e corporais. Conforme ela foi se habituando com o discurso e entendendo o que realmente estava sendo dito, de acordo com as microexpressões encontradas, percebe-se que as suas expressões sugerem um certo incômodo com o que estava sendo abordado pelo enunciador. Procuramos evidenciar isso com a análise do excerto seguinte, que correspondem ao trecho que está localizado a partir dos 14 minutos e 23 segundos do vídeo, no momento em que o enunciador diz o seguinte:

“Não pode o surdo ser intérprete ou professor do curso de intérprete, a não ser que alguém vai estar interpretando pra dizer, o orientar [...]”

Procederemos nas imagens a seguir com o mesmo tipo de análise que fizemos anteriormente: apresentamos as unidades de ação identificadas, esclarecendo os significados que são listados pela literatura especializada e sugerindo uma possível interpretação com base nesses significados descritos na análise tradicional de microexpressões faciais.



Figura 7 - Ocorrência de microexpressão 2



Figura 8 - Ocorrência de microexpressão 3



Figura 9 - Ocorrência de microexpressão 4

Na **Figura 7 - Ocorrência de microexpressão 2**, foram identificadas as seguintes AU's: 1 que conta com a ação de levantamento na parte interna das sobrancelhas, produzindo rugas horizontais na testa e está presente, segundo a literatura, nas *emoções de tristeza, surpresa e medo*; 23 essa unidade tem ação referente à leve pressão dos lábios e podem atuar na expressão de *raiva*; 16 a ação dessa unidade auxilia puxando o lábio inferior para frente ou para baixo, atuando nas expressões de *nojo e tristeza*.

Na **Figura 8 - Ocorrência de microexpressão 3**, também foram identificadas as unidades de ação 1 e 23, as AU's divergentes encontradas nessa imagem foram: 6E que diz respeito ao movimento de fechamento da pálpebra e esse fator pode ocorrer em várias intensidades, atuando nas expressões de *alegria e tristeza*, também em manifestações de dor aguda e AU15 que deprime o ângulo da boca, pode atuar na expressões de *aversão e tristeza*.

A unidade de ação 1 também se faz presente na **Figura 9 - Ocorrência de microexpressão 4**. Diferentemente das duas primeiras imagens, nesta em questão, podemos identificar a AU10 que dilata a narina e levanta o lábio superior, podendo atuar em expressões de aversão e raiva e

AU25 que tem como ação uma leve separação dos lábios e atua nas expressões de *raiva, surpresa* ou *medo*.

Novamente, não é possível dizer que a intérprete estava demonstrando em sua face uma única e específica emoção/expressão, pois são várias as unidades de ação identificadas no trecho, sendo assim, pode-se supor que esteja ocorrendo um misto de emoções, mas quais seriam essas emoções?

Como podemos observar no quadro que contém as falas transcritas do enunciador em português, ele afirma que surdos não podem ser intérpretes e muito menos serem professores de um curso de formação de intérpretes. O material em análise chama a atenção para a situação em que o intérprete precisa traduzir um conteúdo com o qual não concorda.

Contextualizando este caso específico, sugerimos que, para a participante, intérprete, a afirmação feita pelo enunciador em português pode ser problemática, pois a mesma a intérprete exerce a sua profissão em um curso de bacharelado que tem como objetivo formar futuros tradutores e intérpretes de libras, e esse curso possui, em seu corpo docente, professores surdos e, em seu corpo discente, um aluno surdo. Desse modo, a intérprete participante desta pesquisa tem vivências e conhecimentos de que surdos podem sim serem intérpretes e professores de cursos de intérpretes. Ela convive diariamente com esses surdos em um curso de interpretação, e, por conta disso, supomos que ela se sentiu incomodada com essa fala do locutor. Supomos que essa afirmação afeta diretamente sua subjetividade, pois se trata de sua profissão, de seus colegas de profissão e de suas experiências de trabalho.

Para além dessas suposições, o que queremos chamar a atenção aqui é como ela interpreta nessa situação específica: note-se que estamos chamando a atenção desde o início para a habilidade que a intérprete tem em lançar mão de métodos publicamente reconhecidos por intérpretes no exercício de sua função para construir o que, em determinado momento, foi nomeado como 'atitude imparcial'. Apesar disso, quando se faz uma análise microscópica das unidades de ações expressas por ela (que são difíceis de serem vistas a olho nu no curso do discurso, especialmente por alguém não treinado nesse tipo de análise), percebe-se que as unidades de ação podem significar inúmeras emoções. Podemos dizer que as emoções mais recorrentes nas AU's

encontradas e descritas são as de *raiva* e *tristeza*, e, portanto, presume-se que a intérprete pudesse estar sentindo essas duas emoções neste momento.

Com isso, percebemos que o que o código de ética chamou de ‘imparcialidade do intérprete’ é um fator construído conforme o discurso vai acontecendo, porém, é preciso lembrar que o intérprete está sofrendo influências emocionais enquanto o discurso está sendo produzido, e pode ser afetado diretamente. Em nenhum momento, a intérprete parou sua interpretação ou saiu de sua postura profissional. Pelo contrário, ela se manteve “firme” ao longo de todo o discurso, mesmo recebendo uma carga emocional forte do discurso permeado por afirmações um tanto questionáveis. A análise de suas microexpressões sugere, em sua face, incômodo.

Quando informamos a participante que o vídeo tinha acabado, algo muito inesperado para os presentes naquele momento aconteceu, a mesma vira o rosto para o lado e fica alguns instantes em silêncio nessa posição, ao virar o rosto para frente novamente, coloca ambas as mãos em frente ao peito e muito emocionada diz: “ai, não gostei”, se referindo ao vídeo que tinha acabado de interpretar.

Ainda muito emocionada, ela diz tudo o que sentiu e o quanto ficou triste e incomodada com todas as afirmações do enunciador. A participante expressou todo esse sentimento sinceramente apenas no fim da sessão de interpretação estar encerrada, essa reação foi inesperada para nós, pois durante a atuação a intérprete se mantinha em uma postura que não transparecia explicitamente seu desconforto (ainda que estivesse aparecendo em expressões faciais mínimas analisadas aqui por meio das unidades de ação). Esse fato, nos mostra o quanto o que ficou conhecido como “imparcialidade do intérprete” é um método construído pelo profissional e exige um trabalho extremamente árduo que muitas vezes, quando tudo está fluindo bem, pode passar despercebido.

Capítulo 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir o conceito de atitude imparcial na interpretação do profissional intérprete, tomando como base a análise de microexpressões faciais produzidas por ele durante a sua atuação.

Ao longo das análises, foi possível perceber o quanto a imparcialidade que, de certa forma, é esperada desse profissional se torna um fator que é construído em seu exercício profissional e muito difícil de ser alcançado, pois naquele momento em que atua, existe um sujeito – com aspectos subjetivos, afetivos, sociais e culturais, por exemplo - inserido na relação com um contexto mais amplo. e esse sujeito vem de uma construção histórico-cultural própria, com sua própria subjetividade e com sua própria “bagagem”.

No que se refere aos aspectos psicológicos do intérprete, há uma participação inconsciente (que não consegue ser percebida e/ou descrita pelo profissional explicitamente), que pode interferir diretamente em sua interpretação quando, por exemplo, o discurso que está sendo interpretado apresenta aspectos emocionais/afetivos que importam ou afetam o sujeito pessoalmente. Foi o que vimos em nossas análises, quando a participante se sentiu pessoalmente afetada pelo que estava sendo dito pelo locutor e, mesmo não “saindo” de sua postura profissional e interpretando até o fim, vimos em sua face, através das microexpressões o quanto aquele momento de interpretação estava a deixando desconfortável.

Como já citamos, a “imparcialidade do intérprete” é parte de um método assumido por ele como sendo característico de práticas profissionais de interpretação. Isso não exclui o fato que, durante o discurso, ele possa ser tocado subjetivamente de maneira negativa ou positiva e acabe expressando isso de alguma maneira. Quando algo que está sendo dito nos abala subjetivamente, controlar as emoções se torna uma tarefa árdua, principalmente para o profissional intérprete que está transmitindo essa

mensagem para outra pessoa que não tem acesso ao discurso original por conta de uma barreira linguística. O que faz o trabalho do intérprete ser extremamente importante e de grande responsabilidade de sua parte.

Por esse motivo, o conceito de imparcialidade precisa ser superado e o tabu que o cerca precisa ser quebrado, pois quem está atuando em uma interpretação é um sujeito e esse sujeito é pessoalmente influenciado por tudo que está a sua volta, por tudo o que é dito e por tudo que carrega consigo, subjetivamente, ou seja, algo sempre pode afeta-lo, todo ser humano possui suas próprias cargas emocionais e é extremamente difícil não deixá-las transparecer.

A cobrança da imparcialidade se torna uma cobrança injusta, pois a partir do momento que o intérprete demonstra alguma emoção, ou deixa alguma questão pessoal interferir em sua atuação, ele pode ser considerado um profissional ruim, o que não é verdade, esse profissional é apenas um ser humano que pode ser tomado por emoções em qualquer momento de sua vida.

Com esse trabalho, concluímos que a imparcialidade na interpretação não existe, essa conclusão foi perceptível a partir das análises contidas nesse trabalho, pois mesmo não demonstrando emoção alguma e não deixando nenhuma questão pessoal interferir em sua sinalização, percebemos o incômodo da participante em suas microexpressões faciais, fator que foi reforçado ao fim de sua atuação, quando ela demonstrou o quanto aquele discurso a tinha afetado.

Sendo assim, podemos dizer que sempre terá algo que pode afetar nossa atuação, sendo ela para o lado negativo ou o lado positivo, por esse motivo, esse trabalho chega para abrir mais portas e tentar fechar um pedaço da lacuna das pesquisas feitas com esse tema, as expressões e emoções – que não fazem parte da gramática da libras – não podem mais ser ignoradas, pois elas fazem parte de quem somos, sendo profissionais intérpretes ou não.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S.M. O surgimento da libras e sua importância na comunicação e educação dos surdos. 2017.

ARAUJO, A.D.S. **As expressões e as marcas não-manuais na língua de sinais brasileira**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art.18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. **Lei n. 12.319, de set.** 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

CASANOVA, N; SEQUEIRA, S; SILVA, V.M. Emoções. 2009.

CRUZ, M.Z; JÚNIOR, A.P. Corpo, mente e emoções: Referenciais teóricos da psicossomática. **Revista Simbio-Logias**. v.4, n.6. Dez, 2011.

CUVE, H. C. J. **Expressões faciais das emoções e micro-expressões: evidências e potencialidades Psicologia moderna**. Centro de Estudos e Apoio Psicológico - Universidade Eduardo Mondlane (CEAP-UEM), 2015. Disponível em:

<<https://www.researchgate.net/profile/Helio_Clemente_Cuve/publication/281493313_Expressoes_faciais_das_emocoes_e_micro-expressoes_evidencias_e_potencialidades_Psicologia_moderna/links/55eb213d08aeb651626773d7.pdf>. Acesso em: 02 Mai. 2018.

DIAS, C; CRUZ, J.F; FONSECA, A.M. Emoções: passado, presente e futuro. **Revista Psicologia**. v. 22, n.2, 11-31. 2008.

EKMAN, P; FRIESEN, W.V. Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial clues. Cambridge: Malor Books, 2003. 201 p.

FERREIRA BRITO, L. *Por uma gramática da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1995.

GESSER, A. **Ética e Trabalho**. In:____ Disciplina: Tradução e Interpretação da Libras II. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? : crença e preconceito em torno da língua de sinais e da realidade surda. 1º edição: São Paulo: Parábola Editorial, abril 2015. 87 p.

GOES, A.M; CAMPOS, M. L. I. L. Língua Brasileira de Sinais – Uma Introdução. São Carlos. 2011. <Material impresso>.

GOLDNADEL, Marcos. *Pragmática*. In: ROMERO, Márcia [et al.] Manual de Linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GOMES, F.; JOHN, V. M. Everybody Lies: o estudo das emoções na série Lie To Me. Universidade do Vale do Itajaí. **Estudos em Comunicação**. nº 18, 77-121. Maio, 2015.

JOAQUIM, R.M. O cérebro que aprendeu a mentir. São Paulo: Beto Gráfica, 2017. 109 p.

LIDDELL, S.K. Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language. Cambridge University Press, 2003. 400 p.

MAGIOLINO, L.L.S. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**. 2010. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARQUES, N. V. O mito e o intérprete de língua de sinais. **Revista do instituto de ciências humanas**. v.7, n.7 , p. 63 – 74, jan – jul. 2012.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153, 162, 2015.

NATALE, L.L. **Construção de uma tarefa para estimar a capacidade de reconhecimento de micro e macro expressões faciais emocionais básicas**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Fonologia das Línguas de Sinais**. In: ____ *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUSA, D. V. C; BARROS, R.O. A Construção e Compreensão de Conceitos pelo Aluno Surdo: desafios para o tradutor/intérprete de Libras/Língua Portuguesa. **Revista Hyperion**. Instituto de Letras da UFBA, Salvador, n. 8, 2016. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistahyperion/article/view/16920>>.

Acesso em: 02 Mai. 2018.

TOMAZ, C; GIUGLIANO, L.G. A razão das emoções: um ensaio sobre “O erro de Descartes”. **Estudos de Psicologia**. v.2, n.2, p. 407-411, 1997.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

Eu, _____ portador(a) _____ do
RG: _____, CPF _____ concordo em participar da
pesquisa intitulada até o momento como **“O estudo das microexpressões e a atuação do intérprete de Libras: aproximações e contribuições.”**, que tem como objetivo analisar e identificar as microexpressões faciais do intérprete de Libras em um momento de atuação profissional. A pesquisa pretende contribuir para as discussões a respeito da imparcialidade do intérprete de Libras, bastante divulgada e defendida em trabalhos da área, problematizando, nesse sentido, questões relacionadas aos aspectos subjetivos e emocionais no momento da atuação/interpretação. Assim, concordo em participar realizando a interpretação em Libras de um discurso presente em um vídeo, e também analisando e compartilhando minhas impressões a respeito da interpretação realizada. O material será entregue à pesquisadora da UFSCar, via impressa e/ou via gravação em vídeo da sessão. Declaro estar ciente que se trata de uma pesquisa, para fins de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Giovana Teixeira de Mendonça Cerantola, portadora do CPF: 384.679.538-02, RG: 45.962.808-2, residente a Rua Hugo Dornfeld, N° 552 – Vila Marcelino. São Carlos – São Paulo, junto ao departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), contato pelo telefone fixo (16) 3343-1080 e celular (16) 99347-5739.

Declaro também estar ciente e de acordo com as devidas explicações aqui pontuadas sobre a pesquisa, que a mesma apresenta riscos e desconfortos mínimos, oferecendo benefícios (se caso ocorrer grande desconforto, a pesquisadora se compromete em encerrar imediatamente a sessão) para minha profissão, pois este trabalho irá contribuir como um incentivo para novas pesquisas na área, também trará novos conhecimentos para a área da Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa, bem como de que a minha participação é voluntária, sem qualquer custo financeiro e que posso revogar esse consentimento em qualquer fase da pesquisa, por motivos particulares, sem

qualquer penalização ou prejuízo, mas os dados fornecidos até momento da retirada ou afastamento permanecerão à disposição da pesquisadora. Declaro ainda que minha identidade e minha privacidade estarão sobre garantia de sigilo, bem como os dados confidenciais apresentados, serão assegurados nessa pesquisa. Autorizo, caso se faça necessário no decorrer das análises do trabalho, a publicação de minha imagem no corpo do trabalho, ressaltando que as mesmas serão divulgadas exclusivamente com fins pedagógicos, conforme for necessário para a análise e discussão propostas pelo trabalho.

Em casos de denúncias e reclamações posso entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar /Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico:cephumanos@ufscar.

São Carlos, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do intérprete participante)